

A TECNOLOGIA CERAMISTA EM SÍTIOS A CÉU ABERTO NO VALE DO RIO DA COBRA, SERIDÓ POTIGUAR, RN – BRASIL

Mônica Nogueira¹

Fábio Mafra²

Resumo: Este artigo apresenta uma análise dos conjuntos cerâmicos identificados em sítios a céu abertos pré-históricos localizados a margem do rio da Cobra entre os municípios de Carnaúba dos Dantas e Parelhas, RN, Brasil. A análise centrou-se, sobretudo nos aspectos técnicos, morfológicos e formais dos vasilhames cerâmicos identificados em seis sítios arqueológicos pesquisados. Foram levados em consideração as seguintes variáveis: tipo de pasta, tratamentos de superfície (externa e interna) formas e dimensões. Dessa forma foi possível identificar uma indústria ceramista comum a todos os sítios estudados, apresentando diferenças relacionadas ao tamanho das ocupações, do tamanho da população e das atividades desenvolvidas nesses sítios. **Palavras-chave:** Seridó potiguar – sítios a céu aberto – ocupações pré-históricas – análise da cerâmica

Abstract: This article presents an analysis of the pottery vases identified in prehistoric open air sites located on the river bank of the Cobra, between the municipalities of Carnaúba dos Dantas and Parelhas – RN, Brasil. This analysis focused on the technical, morphological and formal aspects of the pottery vases identified in six archaeological sites. Were considered the following variables: clay type, internal and external decoration, shape and size. It was possible to identify a pottery industry common to all the studied sites, presenting differences related to the size of the occupations, the size of the population and the activities developed in these sites. **Keywords:** Seridó potiguar – open air sites – prehistoric occupations – pottery analysis

¹ Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

² Departamento de História – CERES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Introdução

Durante duas décadas as pesquisas na área arqueológica do Seridó³ estiveram voltadas para o estudo de ocupações de abrigos sob-rochas por grupos de caçadores-coletores a partir dos registros rupestres e de estruturas funerárias, tendo o sítio Pedra do Alexandre como referência. Dessa maneira, as pesquisas privilegiaram, em um primeiro momento, a definição de perfis gráficos e funerários, bem como análises antropométricas e tafonômicas nos restos esqueléticos humanos exumados. Logo, é baixo o índice de publicações que considerem os contextos não funerários e/ou gráficos.

Quanto ao material cerâmico, este foi objeto de trabalhos pontuais, voltados para a análise técnica dos vestígios identificados até então em três sítios arqueológicos: Pedra do Chinelo, Pedra do Alexandre, Casa de Pedra (Fontes, 2003). Todos estes sítios estão relacionados às primeiras ocupações humanas na região do Seridó, com datações radiocarbônicas que chegam até 9.410 ± 110 anos BP no sítio Pedra do Alexandre (Martin, 2005). Contudo, devido aos números reduzidos dos conjuntos cerâmicos e a incipiência dos trabalhos, não foram realizadas análises mais aprofundadas a cerca do desenvolvimento desta tecnologia em contextos arqueológicos relacionados aos períodos iniciais do povoamento caçador-coletor na região.

Neste contexto, a identificação de sítios lito-cerâmicos a céu aberto no vale do rio da Cobra tem ampliado as classificações crono-culturais na área arqueológica do Seridó. Com cronologias definidas entre ± 4000 anos B.P. e ± 900 anos B. P., as ocupações a céu aberto tem contribuído para o estudo das áreas habitacionais dos grupos pré-históricos que ocuparam a região (Nogueira e Mafra, 2014; Mafra et. alli., 2015; 2016).

A relação espacial verificada entre os sítios com registros rupestres e os sítios a céu aberto têm permitido a definição de áreas de funcionalidades específicas dentro de um território ocupado por grupos caçadores-coletores-ceramistas (Borges, 2010; Nogueira, 2017). Além disso, a recorrência verificada nas indústrias tecnológicas ceramistas e líticas tem sugerido a

³ Área arqueológica é uma categoria de entrada que permite a classificação de um nicho arqueológico, no qual ainda não foram definidos os limites culturais e cronológicos dos assentamentos identificados (Martin, 2005).

identificação de um horizonte cultural comum, para ambos os contextos espaciais: os sítios abrigados e os sítios lito-cerâmicos (Nogueira, 2017).

Dessa maneira, este artigo apresenta a análise dos conjuntos cerâmicos de seis sítios arqueológicos a céu aberto identificados a margem do rio da Cobra, tendo por objetivo a identificação de uma indústria cerâmica comum entre os sítios estudados.

Ressalta-se aqui que este trabalho é decorrente da análise técnica dos vestígios cerâmicos realizada por Nogueira (2017) no âmbito de uma pesquisa sobre padrão de assentamento na área arqueológico do Seridó. Este artigo traz considerações sobre os vasilhames cerâmicos identificados, sobretudo do ponto de vista de sua produção técnica e suas relações com outros conjuntos cerâmicos dos sítios em abrigo da região.

Os Sítios Arqueológicos a Céu Aberto

Até o momento, foram identificados dezenove (19) sítios arqueológicos a céu aberto em ambas as margens do rio da Cobra, entre os municípios de Carnaúba dos Dantas e Parelhas (Nogueira e Mafra, 2014; Mafra et alli., 2016) (Figura 1).

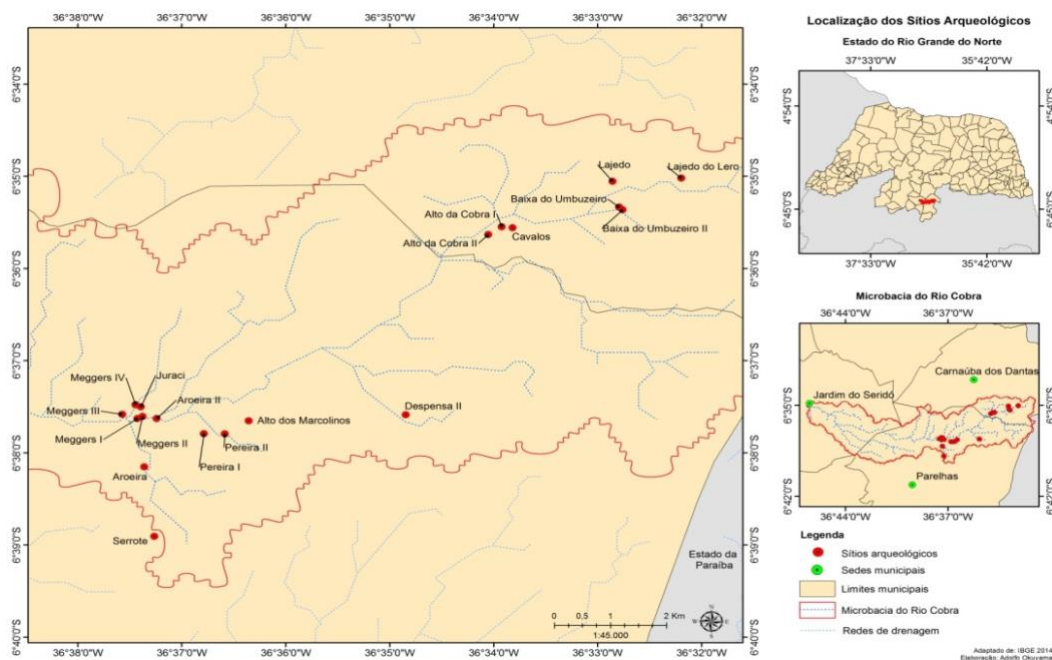


Figura 1: Mapa de localização dos sítios arqueológicos identificados durante a prospecção realizada ao longo do rio da Cobra. Fonte: Adaptado do IBGE, 2014; Inapas, 2012 e 2013. Elaboração Adolfo Okuyama, 2016.

No presente artigo serão tratados seis sítios arqueológicos, a saber: Baixa do Umbuzeiro, Baixa do Umbuzeiro II, Meggers I, Meggers III, Alto dos Marcolinos e Alto do Pereira. De uma maneira geral, caracterizam-se como sítios lito-cerâmicos com a presença de estruturas de combustão. Encontram-se assentados ou em áreas de tabuleiros ou em terraços fluviais as margens do rio da Cobra⁴. Durante as campanhas arqueológicas foram coletados ao todo 901 fragmentos cerâmicos, considerando todos os sítios supracitados em sua totalidade (Figura 2).

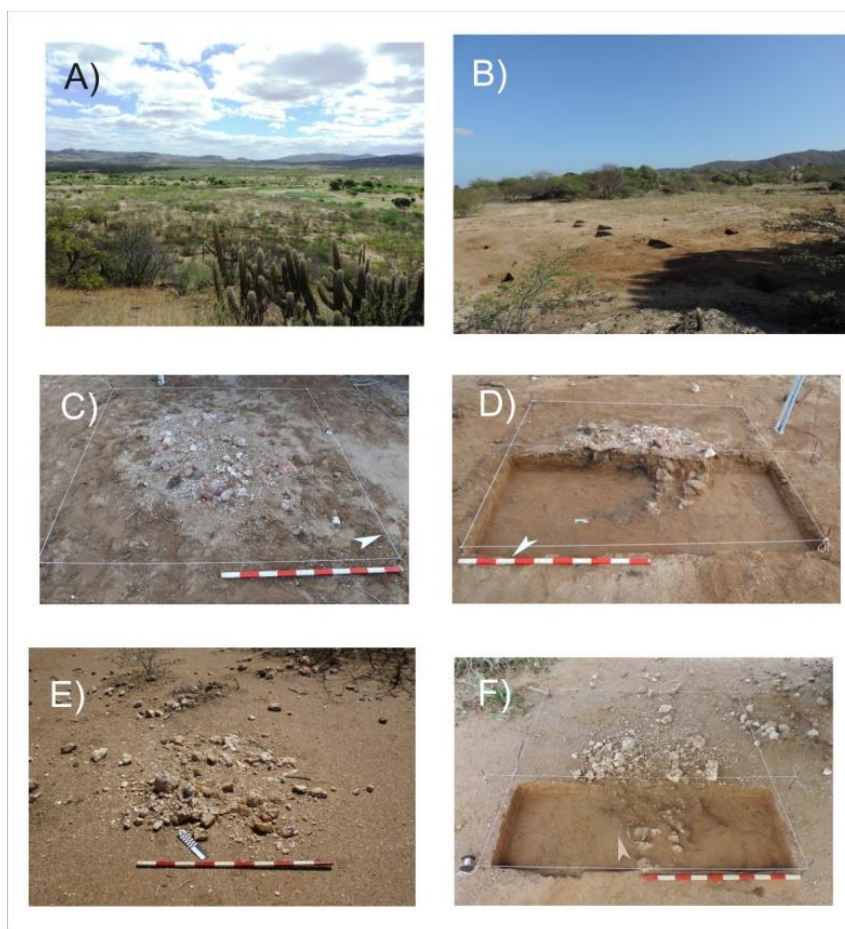


Figura 2: Sítios arqueológicos a céu aberto e estruturas de combustão identificadas. A) Vista geral do sítio Baixa do Umbuzeiro II – Carnaúba dos Dantas; B) Vista geral da escavação do sítio Meggers III – Parelhas; C) Estrutura de combustão (Fogueira 1) do sítio Meggers III; D) Estrutura de combustão (Fogueira 1) do sítio Meggers III escavada; E) Estrutura de combustão (Fogueira 1) do sítio Alto dos Marcolinos – Parelhas; F) Estrutura de combustão (Fogueira 1) do sítio Alto dos Marcolinos escavadas. Fotos: Mônica Nogueira, 2012 e 2015 e Adriano Campelo, 2015. Fonte: Mafra et. alli., 2016.

⁴Os sítios aqui citados foram alvos de escavações arqueológicas entre os anos de 2012 a 2015. Para maiores detalhes das escavações ver Mafra et. alli., 2015 e Nogueira, 2017.

Análise do Material Cerâmico: Materiais e Métodos

A análise da cerâmica dos sítios arqueológicos a céu aberto teve como principal objetivo identificar os elementos técnicos, em comum e/ou específicos, empregados na elaboração das cerâmicas destes sítios, para que dessa forma fosse possível a definição do perfil cerâmico de cada assentamento analisado (Alves, 1991).

Para se estabelecer o perfil cerâmico de um sítio são considerados como elementos técnicos: (1) as matérias-primas, (2) os instrumentos utilizados na manufatura das vasilhas, (3) as técnicas de manufatura das mesmas e (4) a queima. Os elementos morfológicos são constituídos pela (1) forma e (2) tamanho. Os elementos funcionais indicam a finalidade de utilização de cada objeto. Os elementos decorativos estão associados às técnicas decorativas empregadas em cada vasilha, bem como a qualidade dos pigmentos, a combinação das cores entre outros (Alves, 1991).

Entende-se aqui, que o perfil cerâmico é apenas um instrumento metodológico que permite sistematizar os dados obtidos através das análises dos vestígios, constituindo-se em um instrumento de comparação entre os elementos técnicos, morfológicos, funcionais e decorativos em um nível quantitativo e qualitativo.

Dessa maneira, os conjuntos cerâmicos foram analisados observando elementos específicos, desde matéria-prima até o produto final (objeto). Para tanto foram eleitos os seguintes atributos para análise: tipo de pasta; técnica de manufatura; tratamento de superfície; morfologia; tipo de queima e formas.

O primeiro atributo a ser analisado é o tipo de pasta. Como pasta entende-se a relação entre a argila e os aditivos, a variação na qualidade e quantidade do aditivo utilizado e pela textura obtida através da combinação de ambos (Rye, 1981).

Na análise realizada não nos interessou a origem do aditivo, se natural ou adicionada, mas sim a sua presença e a relação com a argila. A caracterização das pastas foi feita pela textura apresentada, avaliando a quantidade, o tamanho e distribuição de aditivo na pasta, bem como a porosidade da cerâmica. Dessa forma, foram identificados três tipos de pasta apresentadas no Quadro 1:

Quadro 1: Tipos de pastas.

Pasta 1	Textura fina. Caracteriza-se pela presença de grãos de quartzo e feldspato menores que 3mm, e em pequena quantidade em relação à argila, variando entre 30% a 50%;
Pasta 2	Textura mediana. Caracteriza-se pela presença de grãos de areia composto por quartzos e feldspatos de tamanhos variando entre menores de 3mm e maiores de 3 cm , não sendo observado uma distribuição homogênea do antiplástico em relação a argila.
Pasta 3	Caracteriza-se por uma textura grossa e pela presença de grãos de areia (quartzo e feldspato) de tamanhos grandes (> 3cm) e sua distribuição em relação à argila variando entre 50% e 75%.

Posteriormente, realizou-se a identificação da técnica de manufatura e a classificação morfológica dos fragmentos. A técnica de manufatura faz parte do modo de produção de uma vasilha cerâmica. Existem basicamente quatro técnicas de manufatura: a modelada, a roletada ou acordelada, o moldado e o torneado (Rye, 1981). Já a morfologia buscou identificar os fragmentos enquanto parte de bordas, bojo, bojo-base e base. Todas as bordas identificadas foram diretas; com lábios arredondados. Os bojós apresentaram contorno simples e as bases planas e côncavo-convexo.

Para a classificação dos tipos de queima, foi considerado apenas o efeito ou a marca da queima, o qual permitiu classificar o universo analisado em dois grandes grupos: queima completa (apresenta, em corte transversal, cor uniforme no núcleo, na superfície interna e na externa) e queima incompleta (apresenta variação de cores no núcleo e nas superfícies externa e interna).

A classificação das formas das vasilhas pode ser descritiva ou funcional. No caso das culturas arqueológicas, uma vez que se acredita que o uso que poderiam ter tido as vasilhas dificilmente pode ser deduzido do material, a classificação descritiva é a mais usada. Segundo La Salvia e Brochado (1989), na classificação descritiva as vasilhas são organizadas em classes segundo semelhanças formais que podem ou não ter conotações funcionais.

A classificação das formas leva em consideração, principalmente, o corpo dos objetos ou partes destes que possam ser identificadas em uma das formas geométricas existentes. As formas das vasilhas cerâmicas foram classificadas com base na relação entre o diâmetro da boca e a altura.

Porém, antes da classificação das formas das vasilhas foi necessária a reconstituição dos objetos identificados. Dada a impossibilidade da reconstituição a partir do encaixe dos fragmentos, foi

utilizada a reconstituição hipotética das vasilhas. Para tal, utilizaram-se os fragmentos no qual foi possível, no mínimo, verificar a inclinação do objeto a partir da borda. Dessa maneira, foi possível reconstituir 14 objetos cerâmicos

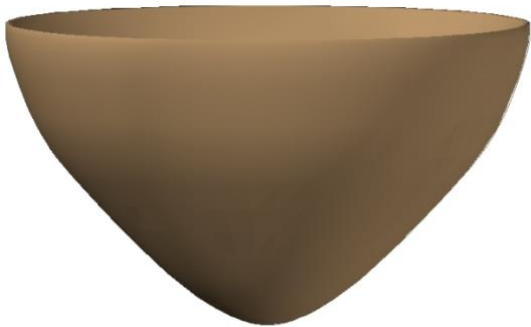
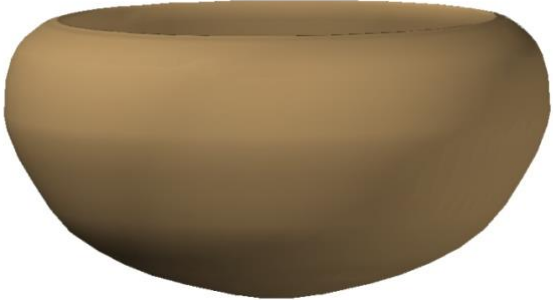
O tamanho dos vasilhames foi calculado através do programa *Autocad*® a partir do volume do vasilhame. Os mesmos foram agrupados segundo os tamanhos propostos por Castro (1999:51), tabela 2:

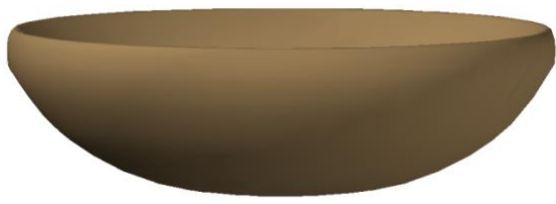
Quadro 2: Referências para tamanho e volume dos vasilhames

Tamanho	Volume
PP	< 0,150 l
P	,150 < 1 l
M	1 l < 4 l
G	4 l < 16 l
EG	16 l < 50 l

Foram identificadas apenas 3 formas distintas nos conjuntos cerâmicos analisados (Quadro 3).

Quadro 3: Forma identificadas no conjunto cerâmico.

Forma 1	Vasilhas de forma cônica, contorno simples, boca ampliada, altura total maior que a metade do diâmetro da boca.	
Forma 2	Vasilhas de forma oval, contorno simples, parede introvertida, boca constricta, altura maior que a metade do diâmetro da boca.	

Forma 3	Vasilhas de forma elipsóide horizontal, contorno simples, boca ampliada, altura total menor que a metade do diâmetro da boca.	
----------------	---	--

Resultados e Discussões

Os conjuntos cerâmicos foram analisados separadamente para a elaboração de um perfil cerâmico de cada sítio arqueológico. Após a elaboração dos perfis, os mesmos foram analisados em comparação uns aos outros para a elaboração de um possível perfil técnico para o material cerâmico relativos aos sítios céu aberto analisados.

A comparação e discussão das semelhanças e/ou diferenças identificadas nos perfis cerâmicos, baseou-se nos seguintes elementos: pastas, técnicas de tratamento de superfície, queima, morfologia, formas e tamanhos. Também foi observada a associação desses elementos, no interior de cada perfil.

Na análise comparativa do tipo de pasta utilizada na confecção dos objetos, observou-se a predominância das pastas do Tipo 1 e 2 (Tabela 1). Essas pastas apresentam textura mais fina em relação a pasta do Tipo 3. O aditivo utilizado em todas as pastas foi o quartzo e o feldspato nas mais variadas granulometrias. No sítio Meggers III, observou-se a diferença substancial entre os tipos de pastas identificados entre os fragmentos cerâmicos de superfície e de profundidade. Enquanto que a pasta mais recorrente entre aqueles vestígios coletados em superfície foi a do Tipo 2 (49%), seguida do Tipo 3 (30%) e a Tipo 1 (21%); entre os fragmentos coletados no nível 2 (20cm-30cm) tem-se para a pasta do Tipo 1 o correspondente a 85% da amostra analisada, e o Tipo 2 com 15%, não sendo identificado o Tipo 3. No nível 3 (30cm-40cm) foi observado o contrário: a pasta do Tipo 2 é mais recorrente, com 54%, o Tipo 1 foi identificado em 46% da amostra. Contudo, essas diferenças entre os tipos de pastas podem estar relacionadas mais à funcionalidade e as dimensões dos objetos cerâmicos, que a distintos horizontes culturais.

A grande quantidade de quartzo verificada em todas as pastas identificadas sugeriu que os ceramistas possuíam um controle sobre os efeitos do quartzo durante o processo de cocção e

no uso de uma vasilha cerâmica. Sabe-se que a utilização de quartzo em vasilhas de cozer seria prejudicial, uma vez que ao serem utilizadas na produção de alimentos elas estariam sujeitas a temperaturas mais altas do que aquelas em que foram produzidas, podendo haver rachaduras ou quebras no objeto (Shepard, 1963; Rye, 1981). Contudo, se a sua quantidade for controlada, a presença de quartzo na pasta cerâmica pode aumentar a dilatação térmica e a resistência da vasilha. Dessa forma, isto pode indicar um conhecimento do grupo acerca dos efeitos do mineral de quartzo na manufatura dos objetos cerâmicos, uma vez que nos conjuntos analisados não foram identificados fragmentos apresentando rachaduras.

Tabela 1: Frequências relativas dos tipos de pasta nos fragmentos cerâmicos dos Sítios Baixa do Umbuzeiro, Baixa do Umbuzeiro II, Alto dos Marcolinos, Pereira, Meggers I e Meggers III.

Pasta	Sítio BU	Sítio BU II	Sítio AM	Sítio PRA	Sítio MGRI	Sítio MGR III ⁵
Tipo 1	46%	46%	72%	100%	10%	39%
Tipo 2	26%	21%	17%	-	58%	41%
Tipo 3	285	33%	11%	-	32%	20%

A manufatura predominante nos fragmentos cerâmicos dos sítios analisados é o acordelado. Apenas no sítio Meggers I, considerou-se a possibilidade de alguns fragmentos serem confeccionados a partir da técnica do modelado da massa de argila. Contudo, devido ao tamanho reduzido das peças, a identificação desse tipo de técnica ficou apenas na conjectura.

Nos conjuntos cerâmicos analisados, a queima incompleta foi predominante. Isto indica que grande parte das cerâmicas foi queimada em atmosfera oxidante, ou seja, foram utilizadas fogueiras abertas, sem utilização de fornos fechados, o que torna difícil o controle da temperatura e conseqüentemente da queima dos objetos cerâmicos (Rye, 1981).

Na morfologia identificada nos fragmentos analisados, os bojos constituem o aspecto morfológico predominante nos sítios estudados. Todos os bojos identificados possuem contorno simples. As bordas são em sua maioria do tipo direta. Somente no sítio Meggers I foi identificada bordas do tipo introvertidas (10%), além de diretas. Quanto aos tipos de lábios identificados há uma predominância dos lábios do tipo arredondado. No sítio Meggers I observou-se lábios do

⁵Tem-se aqui o total de todos os fragmentos coletados, sejam eles em superfície ou em profundidade.

tipo: arredondado (60%), apontado (10%) e plano (10%). No Meggers III, têm-se lábios do tipo arredondado (67%) e apontado (6%). As bases são em menor número, prevalecendo aquelas do tipo plano-convexa (arredondada). Também há uma grande quantidade de fragmentos no qual não foi possível identificar morfologicamente, devido ao reduzido tamanho dos mesmos.

O acabamento dos objetos foi realizado com o emprego das seguintes técnicas de tratamento de superfície: alisado; engobado; polido; escovado. A técnica mais frequente observada foi o alisado. Percebe-se a utilização desse tipo em pelo menos em uma das superfícies dos fragmentos analisados.

A segunda técnica de tratamento mais utilizada foi o engobado, na tonalidade vermelha, aplicado em uma das duas superfícies, por vezes em ambas. O emprego do engobo pode ter função de revestimento, impermeabilizante ou até mesmo uma finalidade decorativa para os objetos.

Em menor quantidade, aparecem as técnicas de tratamento de superfície polida e escovada. O escovado foi somente identificado em 1 fragmento no sítio Meggers I. A técnica de polimento foi identificada nos sítios Baixa do Umbuzeiro e Meggers I, aparecendo sozinho ou em associação com a técnica do engobo. O polimento está, normalmente, associado à tentativa de impermeabilização das vasilhas cerâmicas, principalmente daquelas cuja função estaria relacionada ao armazenamento de substâncias líquidas.

Todas as vasilhas reconstituídas são abertas, o que não implica dizer que os conjuntos de vasilhame dos sítios só apresentem formas abertas, uma vez que o número dos fragmentos que permitiram a reconstituição da forma do objeto é pequeno, em relação ao universo de fragmentos analisados. Entre os objetos, as pastas do Tipo 3 (43%) e Tipo 1 (36%) foram as mais utilizadas na fabricação das vasilhas de tamanho médio (entre 1 l e 4 l) e grande (entre 4 l < 16 l). As técnicas de tratamento de superfície utilizadas nos objetos reconstituídos foram: o polimento, o engobado e o alisamento.



Figura 3: Fragmentos de bordas identificados. A) Sítio Baixa do Umbuzeiro; B) e F) Sítio Meggers I; C) e E) Sítio Meggers III; D) Sítio Baixa do Umbuzeiro II. Fonte: Nogueira, 2017.

Quanto a funcionalidade das vasilhas reconstituídas foram levantadas algumas considerações baseadas nas formas, tamanhos, porosidade e técnicas de tratamento de superfície. Nas cerâmicas analisadas, observou-se a predominância do tratamento de superfície alisado, no universo analisado. Isto indica a possibilidade de que estas eram empregadas no uso doméstico. As vasilhas em que foi aplicada uma camada de engobo e/ou polimento estariam relacionadas ao armazenamento de sólidos e líquidos.

Borges (2010) ao analisar o material cerâmico das duas primeiras campanhas do sítio Baixa do Umbuzeiro inseriu as mesmas no “horizonte cultural da cerâmica Pedra do Caboclo (Brochado, 1984), subtradição Papeba (Martin, 2005). As formas reconstituídas, por sua vez, inserem no conjunto delimitado como representante da referida cultura” (Borges, 2010, p. 256).

A Tradição Pedra do Caboclo foi primeiramente proposta por Laroche (1970) para sítios pernambucanos. A partir de um estudo de cronoestratigrafia das fases e subdivisões das cerâmicas regionais, Brochado (1984) insere nove estilos de cerâmicas, no que foi definido como **Tradição Pedra do Caboclo**. O conjunto cerâmico pertencente a esta tradição seria composto por um vasilhame utilitário simples: com baixa densidade de decoração, quase sempre plástica; tratamentos de superfícies como o alisado, o polido, o brunido e o banho em vermelho; e alguns apliques vazados ou perfurações para suspensão das vasilhas. A mais antiga dessas cerâmicas é a **cerâmica Mina**, identificada em sambaquis fluviais amazônicos com datações entre \pm 3.500 – 7.000 anos B.P. Esses seriam os indícios cerâmicos mais antigos da América do Sul.

A subtradição Papeba, a qual Borges filia o conjunto cerâmico do sítio Baixa do Umbuzeiro, está relacionada a sítios dunares, onde foi registrada a presença de uma cerâmica simples, quase sempre localizadas em sítios bi-componenciais. Nesses sítios, esta indústria se encontrava em níveis inferiores de ocupações da cerâmica Tupinambá, no estado do Rio Grande do Norte. A cerâmica Papeba apresenta as seguintes características descritas por Martin (2005):

Uma cerâmica sem decoração, com paredes alisadas ou com engobo vermelho por imersão; nas bordas, apêndices vasados e perfurações indicam que os vasilhames eram suspensos ou transportados por um cordel. Os vasos são de paredes finas em relação aos tamanhos, em geral pequenos, ovóides, com bases arredondadas e planas nos maiores. O aditivo é de areia fina e grossa, bem distribuído e com queima incompleta, características marcantes dessa cerâmica (Martin, 2005, p. 212).

Brochado (1984) defende que o processo de dispersão da tecnologia cerâmica, em datas tão recuadas se deu pela intrusão de traços culturais, em sítios de tradições líticas já estabelecidas em várias regiões do Brasil. Ou seja, a difusão de uma inovação tecnológica através de povos étnicos diferentes, com muito pouco ou nenhum contato mais intenso entre as populações envolvidas nesse processo. O mapa cronológico estabelecido para a tradição Pedra do Caboclo indica um processo dispersivo com direção norte-sul, com uma provável origem amazônica.

Contudo, não podemos descartar a possibilidade de uma origem autóctone para a cerâmica estudada. Martin (2005) nos chama atenção para o perigo das generalizações e identificações de grandes correntes migratórias, baseadas nos motivos decorativos da cerâmica ou na ausência dos mesmos e nas formas simples e primárias dos vasilhames.

O que podemos observar no momento, é que os sítios estudados apresentam perfis cerâmicos similares que representam um perfil técnico cerâmico comum. As diferenças existentes entre os perfis analisados são pequenas variações, mais a nível quantitativo do que a nível qualitativo, as quais por sua vez, podem estar relacionadas a diferenças funcionais do vasilhame, bem como as atividades desenvolvidas no interior de cada assentamento.

Considerações Finais

Através da análise dos elementos que compõem o perfil cerâmico dos sítios estudados, pode-se perceber semelhanças entre eles, o que implicaria em um perfil tecnológico cerâmico comum. As semelhanças são encontradas nas relações de preferência por determinadas técnicas de tratamento de superfície, textura apresentada pelos objetos, composição das pastas, a frequência dos tamanhos e nas formas das vasilhas dos sítios.

As características básicas entre os perfis dos sítios analisados e que representam um perfil técnico cerâmico são as seguintes:

1. utilização de quartzo e feldspato como aditivo na composição das pastas. Conhecimento e controle dos efeitos da expansão do quartzo na fabricação do objeto cerâmico;
2. predominância de vasilhas com tratamento de superfície alisado, polido ou com engobo vermelho;
3. predominância da queima incompleta em detrimento da queima completa;
4. técnica de manufatura apenas por acordelamento;
5. vasilhas com bordas diretas, bojos de contorno simples e bases plano-convexas e arredondadas;
6. vasilhas de formas elipsóides horizontais e cônicas.

As variações observadas entre os perfis cerâmicos analisados encontram-se mais em nível quantitativo, uma vez que a amostra de alguns sítios era bastante reduzida (caso do sítio Pereira II com apenas 2 fragmentos cerâmicos). Chama-se atenção para o sítio Meggers I e Meggers III

que apresentaram uma maior quantidade de fragmentos cerâmicos, bem como uma maior variação na técnica de tratamento de superfície. Tais diferenças podem estar relacionadas ao tamanho das ocupações, ao tamanho da população e das atividades desenvolvidas nesses sítios. Porém não podemos descartar a possibilidade dessas diferenças serem resultado de processos pós-deposicionais, uma vez que alguns sítios se encontravam assentados em áreas que sofrem fortes impactos de agentes erosivos, principalmente por ações pluviais.

A cronologia estabelecida, entre 3760 ± 811 anos B.P. e 900 ± 30 anos B.P., para esses sítios arqueológicos, levantou outras questões pertinentes ao processo de ocupação da região e como tais grupos humanos se adaptaram e interagem com o ambiente.

A cronologia definida permitiu estabelecer um recorte temporal de quase 2800 anos para as ocupações a céu aberto. Este fato permitiu o uso cronoestratigrafia de dois sítios arqueológicos escavados na área arqueológica do Seridó, como parâmetro de interpretação para os sítios lito-cerâmicos a céu aberto: a Furna do Umbuzeiro, ± 4000 anos B.P. - ± 1300 anos B.P. (Borges, 2010), e o Pedra do Alexandre, ± 9400 anos B.P. - ± 2600 anos B.P. (Martin, 2008). Além dessa relação cronológica, tem-se verificado principalmente nos vestígios cerâmicos e líticos da região em análise, características tecnológicas que sugerem mesma filiação cultural. Entretanto, essa definição cultural esbarra com um problema ainda difícil de ser solucionado: a diversidade técnica e temática dos sítios rupestres sugere uma diversidade cultural não visível em outros vestígios arqueológicos. Por sua vez, não há dados suficientemente fortes que demonstrem a relação de tais vestígios com os registros gráficos identificados, o que dificulta a correlação entre tais elementos. Nesse sentido, é possível falar de uma identidade cultural para os sítios da área arqueológica do Seridó potiguar? Além disso, a presença de material cerâmico e a cronologia definida inseriram esses sítios no contexto de dispersão da tecnologia cerâmica e na questão da origem das tradições ceramistas regionais. Em outras palavras, a adoção da tecnologia cerâmica por grupos caçador-coletores na área arqueológica do Seridó é um desenvolvimento cultural autóctone? Ou, insere-se no registro arqueológico através de processos de difusão de traços culturais?

Referências

- ALVES, C. 1991. A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta. *Clio: Série*, Recife, n. 7, p. 11-88.
- BORGES, F. M. 2010. Os Sítios Arqueológicos Furna Do Umbuzeiro E Baixa Do Umbuzeiro: Caracterização De Um Padrão De Assentamento Na Área Arqueológica Do Seridó – Carnaúba Dos Dantas - RN, Brasil. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- BROCHADO, S. P. 1984. An ecological model of the spread of pottery and agriculture in to eastern South America. 1984. Tese, Doutorado em Antropologia, University of Illinois, Urbana-Champaign.
- CASTRO, V.M.C de. 1999. Sítio Cana Brava: contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do sudeste do Piauí. 1999. 109 f. Dissertação, Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- FONTES, M. A. F. 2003. A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó/RN. 2003. Dissertação, Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J.P. 1989. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posnato Arte e Cultura.
- MAFRA, F. MARTIN, G. NOGUEIRA, M. 2015. Intervenções arqueológicas em sítios a céu aberto na área arqueológica do Seridó: os sítios Meggers I e Meggers III – Parelhas – RN, Brasil. *Clio arqueológica*, Recife, v. 30 n. 1, pp. 10-37.
- MAFRA, F. MARTIN, G. NOGUEIRA, M. 2016. Sítios a céu aberto na região do Seridó Potiguar: um estudo de caso do rio da Cobra, entre os municípios de Carnaúba dos Dantas e Parelhas, RN. *Clio arqueológica*, Recife, v. 31 n. 3, pp. 113-132.
- MARTIN, G. 2005. Pré-história do Nordeste do Brasil. 4. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- NOGUEIRA, M. 2017. Ocupações pré-históricas a céu aberto no vale do Rio da Cobra – Carnaúba dos Dantas e Parelhas – RN. 2017. Tese, Doutorado em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- NOGUEIRA, M.; MAFRA, F. 2014. Levantamento de sítios arqueológicos a céu aberto na Área 1 Arqueológica do Seridó – Rio Grande do Norte – Brasil. *MNME – revista de humanidades*, Caicó, v. 15, n. 35, pp. 244-259.

NOGUEIRA, M.MAFRA, F. A Tecnologia ceramista em sítios a céu aberto no Vale do Rio da Cobra, Seridó Potiguar, RN – Brasil.

RYE, O.S. 1981. Pottery technology: principles in reconstruction. Washington: Taraxacum.

SHEPARD, A. 1963. Ceramics for the archaeologist. Washington: Carnegie Institution of Washington.